

# IEMANJÁ NA PÓS-MODERNIDADE: Orixá ou santa?

\* Estela Noronha e Renato Pinto de Almeida Junior são mestrandos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP.

*Estela Noronha  
Renato Pinto de Almeida Junior\**

## **Resumo:**

O artigo apresenta os resultados de pesquisa onde se relacionam a devoção a Iemanjá e algumas características de seus devotos. A seguir, os aa. trazem uma síntese dos resultados macro-estatísticos, de questões fechadas utilizadas na pesquisa de campo, tendo como pano de fundo as atividades de culto e admiração à Iemanjá entre aqueles que não pertencem às religiões afro-brasileiras. Diante dos resultados busca-se fazer uma análise sócio-antropológica dos dados levantados, que dão a entender que o orixá Iemanjá vem sendo aos poucos incorporada no catolicismo popular, refletindo assim um fenômeno da pós-modernidade de dupla pertença e sincretismo religioso.

## **Palavras-chave:**

*Iemanjá; Orixá; pós-modernidade; Nova Era; catolicismo tradicional popular; Sincretismo; Fé; culto; Sentimento religioso; religião tradicional; religiões afro-brasileiras.*

## INTRODUÇÃO

A forma sincrética e polissêmica do *ser* religioso, marcadas pela diversidade, pluralidade de credos e o trânsito religioso é saudada por muitos como o despontar da era pós-moderna.

A compreensão, neste milênio, do que vem a ser o Sagrado necessita do acréscimo ou da retomada de um termo chamado *sentimento*. E, o culto aos santos, bem como a *rebeldia* à submissão hierárquica pedidas pelas Instituições religiosas, se contra-

põem a fé respaldada apenas pela razão e pela ortodoxia catequética que privilegia o entendimento e a interpretação das Sagradas Escrituras.

A devoção à Iemanjá, principalmente entre os católicos de devoção popular é um dos exemplos de como as pessoas buscam um sentido existencial, individualista e subjetivo, centrada no indivíduo, no cotidiano e na valorização do sentimento. A crise das instituições produtoras de sentido e a necessidade imediata dos fiéis, nas resoluções dos seus problemas para o aqui e agora, reproduzindo muitas vezes um apelo consumista e utilitário, também são marcas desta era inacabada e de transição da história da humana.

Apesar deste ensaio dar ênfase aos aspectos sócio-antropológicos da devoção, como complemento do entendimento desta questão, entendemos que haja a necessidade de abordar o tema do ponto de vista psicológico. E, apesar de termos compreendido o culto à Iemanjá também sobre este prisma, neste momento, não faremos esta abordagem, deixando para uma próxima oportunidade, visto que o tema é muito vasto e não é aqui objeto de nossas preocupações. Cabe-nos, pois, então discurrir sobre as razões sociais da crescente devoção à Iemanjá entre não-devotos de religiões afro-brasileiras.

## 1. IEMANJÁ E SUA REPRESENTATIVIDADE NA CULTURA E NO CATOLICISMO POPULAR DA PÓS-MODERNIDADE.

### 1.1. Motivação para o estudo do tema

Todos os anos costumamos passar o *Reveillon* na praia e o que já é para nós, quase um ritual. Vimos observando, ano após ano, que o número de velas na areia vem sistematicamente aumentando e, junto com elas, aparecem cada vez mais flores, comidas, bebidas e *barcas* lançadas ao mar. Aqui e ali, adeptos das religiões afro-brasileiras fazem oferendas aos orixás com seus rituais e orações. Leigos e crentes das mais diversas procedências param, observam, comentam e mesmo sem saber muito o porquê, acabam contagiados e acendem uma vela ou jogam uma flor ao mar.

Observando mais atentamente, não é difícil identificar quem está recebendo o número maior de homenagens e *ebós*.<sup>1</sup> Barcas repletas de comidas, espelhos, perfumes, bijuterias, palmas brancas e rosas e mesmo a imagem do orixá, facilmente nos faz identificá-la: estamos falando da Grande Mãe africana e também brasileira, Iemanjá, carinhosamente chamada de a Rainha, a Deusa ou a Santa do Mar.

<sup>1</sup> *Ebó* é a palavra ioruba para sacrifício, oferenda.

No entanto, estes não são os únicos acontecimentos que nos despertaram a atenção. Em 2001, quando fomos passar o *Reveillon* em Cabo Frio, cidade litorânea do Rio de Janeiro, pudemos observar, que o número de pessoas presentes na praia para reverenciar Iemanjá era incrivelmente alto. Tínhamos ciência da impossibilidade de que todas aquelas pessoas, presentes na praia, pertencessem às religiões afro-brasileiras. Sabíamos também, antes mesmo de aprofundar-nos no assunto que, apesar de o Brasil ser um país muito sincrético e haver uma tolerância religiosa maior do que em muitos países, este seria um país católico. A grande pergunta que ficou para nós, a partir destas observações foi: o que estaria levando todos aqueles indivíduos, mesmo não sendo umbandistas ou candomblecistas ou de qualquer outra religião de raiz africana, a cultuarem Iemanjá? Seria o prazer de estar na praia e todos saberem que ela é a Rainha do Mar? Seria por modismo, por influência da TV ou de alguém?

Partimos da hipótese de que não; que estas justificativas não seriam suficientes, pois, nos lembramos das expressões faciais das pessoas. Algumas estavam alegres, brincando, fazendo o ritual de forma bastante descontraída, quase lúdica. Outras, no entanto, estavam compenetradas, rezando, com as mãos espalmadas em direção ao mar, alheias ao barulho que as cercavam. Começamos a suspeitar que existia algo mais significativo do que apenas modismo ou um ritual sem importância maior.

A partir destas hipóteses, montamos um projeto de mesurado que contém como cerne principal de método de pesquisa, um questionário com 15 questões fechadas, 5 questões abertas e 8 tópicos de investigação do perfil do entrevistado. Como sujeitos de pesquisa foram abordados e selecionados por nós enquanto entrevistadores, indivíduos que se declarassem não pertencer às religiões afro-brasileiras ou os que se professassem sem uma religião específica e que mostrassem alguma referência ao ritual proferindo orações, usando roupas brancas, portando flores, velas, colares, bijuterias, perfumes e bebidas, ou ainda, ofertando barcas com presentes ou pedidos.

O questionário definitivo, dentro dos padrões científicos, foi aplicado na praia de Vila Mirim, ao lado da estátua de Iemanjá, situada na Praia Grande, litoral paulista, nos dias 5, 6 e 7 de dezembro de 2003; e na praia da Ponta, em Santos, no dia 31 de dezembro de 2003. Apesar de ter sido delimitado o mínimo de 30 questionários para cada uma das datas, perfazendo um total de 60 documentos, nós conseguimos aplicar 75 questionários, ampliando o *corpus* de elementos para análise e conclusões respectivas.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Na época da aplicação da pesquisa definitiva, fomos procurar a profa. Profa. Iara Gustavo de Castro, estatística e consultora da PUC/SP, para delimitar com ela o número de questionários que deveriam ser aplicados em cada data. Diante do projeto e do número de entrevistadores, ela sugeriu que fizéssemos pelo menos 30 entrevistas por data, pois seria este o número mínimo para se obter qualquer resultado estatístico significativo.

Levantamos muitas informações importantes com a pesquisa, mas a título de ilustração e para compreendermos a análise sócio-antropológica que faremos dos dados, fizemos uma síntese dos resultados obtidos das questões abertas ao longo do artigo.

Na síntese dos resultados das questões fechadas, nossa pesquisa constatou que:

- 93,33% possuem como religião de batismo o catolicismo;
- 66,70% pertencem atualmente ao catolicismo, contra 14,70% ao espiritismo e 14,70% que professam não pertencer à religião alguma;
- 24% dizem freqüentar a sua igreja uma vez por semana;
- 22,67% quinzenalmente e 16% mensalmente. Ou seja, 62,67% freqüentam com uma certa regularidade as instituições religiosas, contra 13,33% que não freqüentam em data alguma;
- 53,33% simpatizam com o espiritismo e 16% com a umbanda, contra 13,33% que não simpatizam com religião alguma;
- 48% já freqüentaram apenas a umbanda e 10,67% freqüentaram a umbanda e o candomblé ao mesmo tempo. Ou seja, 58,67% já freqüentaram alguma vez tanto a umbanda e quanto o candomblé, contra 36% que nunca freqüentaram nenhuma das duas religiões;
- 62,67% acreditam não haver objeções por parte de sua religião em ser devoto ou admirador de Iemanjá, contra 25,3% que acreditam que há objeções;
- 30,87% costumam fazer seu ritual a Iemanjá com velas, 30,20% com flores e 26,19% com orações, preces, pensamentos, lovação ou intenção;
- 28,83% costumam homenagear Iemanjá quando estão perto do mar, 36,94 invocam apenas no ano novo ou no dia 08 de dezembro e 11,71% quando sentem vontade e 9,91% quanto têm algo para pedir;
- 57,33% dizem conhecer um pouco da história de Iemanjá, contra 37,33% que confessaram não conhecer nada;
- 64% não possuem nenhuma imagem ou objeto que lembre Iemanjá, contra 20% que dizem possuir alguma coisa;
- 18,40% dos pedidos a Iemanjá são de natureza de paz, tranqüilidade, serenidade, harmonia e calma, 18% pedem saúde, 14,80% assuntos relativos à família, 14% assuntos relativos ao trabalho e 8,80% pedem prosperidade, progresso e sucesso, saúde e dinheiro;
- 86,67% já fizeram pedidos anteriores a Iemanjá;
- 89,33% tiveram seus pedidos atendidos.

A partir desta fase, passamos a indagar qual seria o perfil das pessoas que responderam ao questionário. Quando fala-

mos em devoção a santos ou de uma religiosidade de cunho popular, tendemos a imaginar uma classe socioeconômica menos privilegiada. Mas, eis o resultado que nossa pesquisa aponta, como tendência.

- 58,67% dos entrevistados eram mulheres e 41,33% dos homens;
- 26,67% dos entrevistados estavam na faixa dos 50 anos, 20% na faixa dos 20 anos, 18,67 na faixa dos 30 anos, 17,33% na faixa dos 50 anos, 14,67% acima dos 60 anos e 2,67% entre 10 e 20 anos. Apesar do perfil se relativamente homogêneo, podemos considerar, na verdade, que a faixa entre 30 e 60 anos concentra-se a maior número de fiéis, ou seja, 62,67%;
- 60% dos entrevistados eram casados, contra 25,33% dos solteiros;
- 70,66% possuem filhos, sendo que 25,33% possuem dois filhos, 24% possuem apenas um, 13,33% possuem três filhos e 4% possuem de quatro em diante, contra 29,33% que não possuem filhos;
- 52% possuem até o segundo grau completo, 28% até o terceiro grau completo e 6,67% são pós-graduados, contra 13,33% até o primeiro grau completo;
- 98,67% dos entrevistados são brasileiros, contra apenas uma chilena; 42,67 são da cidade de São Paulo, 17,33 de Santos, 5,33% da Praia Grande e 4% de Campinas. Ninguém declarou pertencer a zona rural;
- As profissões aparecem das mais diversas áreas, onde podemos destacar três grandes grupos: comércio, indústria e profissionais autônomos.

De posse da síntese do perfil dos entrevistados, podemos compartilhar com o leitor, algumas conclusões a que chegamos a respeito da devoção ou admiração a Iemanjá no contexto da cultura e do catolicismo popular da pós-modernidade.

Notamos que há uma tendência da devoção a ser feminina. A grande maioria dos indivíduos constituíram famílias, são casados, com filhos e possuem no mínimo o segundo grau completo. Residem em cidades de médio e grande porte e possuem empregos que refletem o poder aquisitivo da classe média. Portanto, o estigma de que devoções populares estariam necessariamente ligadas a devotos de classes socioeconômicos menos privilegiados é questionada em nossa pesquisa que aponta uma tendência da classe média nos cultos devocionais.

As classes mais e menos abastadas aparecem nas extremidades dos resultados dos dados estatísticos. Se pensarmos no enfoque da pós-modernidade, o enunciado acima corrobora a tese de que a sociedade contemporânea tem acesso aos meios mais

modernos de comunicação, que contemplam a televisão, inclusive a TV a cabo e a rede mundial de comunicação eletrônica, como a Internet. A memória eletrônica, a velocidade, o transitório e o descartável, sinais destes tempos cheios de paradoxos e dilemas e atingem em cheio as relações pessoais e o contato que os indivíduos estabelecem com a sua religião, que deixam de professar uma *ortodoxia religiosa* para construir sua religiosidade influenciada por esses valores pós-modernos.

## 1.2. O Orixá Iemanjá: fenômeno Novaerista ou uma Santa do catolicismo popular?

Diante dos resultados desta pesquisa, muitas questões surgiram. A fonte de nossas preocupações em entender o que levava um indivíduo não-praticante das religiões afro-brasileiras a cultivar e homenagear Iemanjá ampliou-se para uma outra indagação. O culto à Rainha do Mar, como comumente é chamada, estaria mais próximo da religiosidade popular, fortemente influenciada pelo catolicismo tradicional ou estaria melhor respaldada pelos movimentos da Nova Era.

De partida, sabíamos que ambas as visões e discursos estavam em conformidade com o movimento da pós-modernidade, onde as novas formas ou tendências do *ser religioso* são sincréticas e polissêmicas, marcadas pela diversidade, pela pluralidade de credos, e pelo trânsito religioso e sem grandes amores pela submissão hierárquica às instituições religiosas. Mas também buscam um sentido existencial, individualista e subjetivo centrado no indivíduo e no seu cotidiano, muitas vezes, utilitarista, consumista e prático.

A religião na pós-modernidade é um tema que suscita controvérsias. Há quem diga que o homem pós-moderno não é religioso ou que a pós-modernidade é o túmulo da fé, ou ainda, que instaurou-se uma fé sem Deus, onde *a crença se transforma em uma busca psicológica, que não desemboca em nenhum Ser transcendente*.<sup>3</sup> Na verdade, aponta Queiroz, existe uma outra corrente que interpreta a pós-modernidade como uma fase de transição e um período inacabado da história humana em que portanto, a religião e o sagrado também estariam nesta efervescência, vivenciando ainda muitos valores tradicionais, ao mesmo tempo que, novas posturas são tomadas, num clima em que emergem muito mais paradoxos e contradições do que certezas.<sup>4</sup> É neste caráter de transitoriedade, de fenômeno migratório da fé, em busca de novos credos e novas formas de expressar o sagrado que vamos procurar entender a devoção à Iemanjá.

<sup>3</sup> Cf. J. J. QUEIROZ, (Ed.), *Interfases do Sagrado: em véspera do milênio*. São Paulo, Olho d'Água, 1996, p.14.

<sup>4</sup> Idem, p. 15.

Observamos durante a aplicação dos questionários que havia uma gama razoável de variedades no modo de cultuar Iemanjá. Notamos que aqueles que pertenciam às religiões afro-brasileiras, ao prestarem homenagem a essa entidade, o faziam de maneira mais elaborada, com comidas e sacrifícios específicos deste orixá, bem como, apresentavam-se vestidos com roupas brancas, com colares referentes às cores dela ou de outros deuses africanos. Por outro lado, os não adeptos destas religiões tinham, como características, oferendas mais simples, como flores e velas, que nem sempre eram das cores da Senhora dos Mares, além de colocar outros objetos menos comuns aos pés da estátua, como roupas, imagens de santas da Igreja Católica e pequenos objetos pessoais que não pertenciam necessariamente ao seu culto.

Um exemplo desta flexibilidade na conduta e na homenagem que se faz à Iemanjá, encontramos com uma jovem mãe de dois filhos, solteira, que possuía como religião de batismo o catolicismo, mas que hoje professava não pertencer a nenhuma religião. Ao indagarmos porque ela havia colocado aquela roupa de criança junto aos pés de Iemanjá, bem como, o porquê da oração e do sinal da cruz que precederam tal gesto, ela respondeu.

*Gratidão. E a roupa simboliza um pouco do muito que ela me deu... Quando o meu filho era pequeno teve muitos problemas. Nasceu antes do tempo, passou dois meses internado... parada respiratória... vários problemas. Então pedi ajuda a ela e fui atendida. E hoje ele está bem? Sim, não tem mais nada.*<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Resposta dada à pergunta número 08 do questionário: *O que esse(s) objetos(s) ou oração(ões) significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?* E corresponde à sétima entrevistada feminina do dias 5 à 7 de dezembro.

Os não devotos das religiões afro-brasileiras também se vestiam de maneira bastante informal e variada. Constatamos a presença desde pessoas vestidas com roupas de banho, com uma cadeira de praia em uma das mãos e um vaso de flor na outra, a depositar a oferenda à Iemanjá, fazer o sinal da cruz e seguir para o seu banho de sol, como também pessoas emocionadas, rezando, muitas vezes ajoelhadas, em absoluto estado de concentração. No caso acima relatado, a jovem mãe possuía uma bandana na cabeça e roupas do estilo indiano.

Ao analisamos este fato a luz da perspectiva novaerista e encontramos alguns elementos que poderiam justificar sua inserção neste movimento, bem como, nos depararíamos com dados que em seguida o refutariam. Vejamos:

Dentro de um contexto globalizante, a Nova Era, movimento místico sem caráter institucional, é um fenômeno relacionado à *religiosidade do eu*,<sup>6</sup> onde fundamentalmente os indivíduos adotam uma de suas várias filosofias, uma vez que não se trata ainda de um movimento organizado. Seus adeptos vêm

<sup>6</sup> Cf. P. HEELAS, *A Nova Era no contexto cultura. RELIGIÃO & SOCIEDADE*, 17 (1994), p. 15.

de estilos de vida com tendências e concepções diferentes, porém de forma geral, acreditam que todas as religiões são expressões de uma mesma realidade interior, o que acaba fornecendo um conjunto de caminhos de variedades diversas, mas que se amalgamam através do conceito central de uma religiosidade interior e individual. E, apesar deste ser o cerne fundamental, comum a todas as correntes, podemos destacar duas vertentes principais que buscam, dentro do movimento, duas concepções e realizações opostas entre si.

A primeira, que faz da filosofia novaerista um princípio de ser e viver no mundo. Sua vida estaria em conexão com a natureza e com a ordem cósmica. As *normas* de conduta estabelecidas por esse movimento, utilizadas no seu dia a dia, seriam levadas adiante com mais rigor e seriedade. Neste bloco estaria segundo Heelas, os seguidores mais *sérios* da religiosidade do *eu*, cujas as coisas do coração, da fala, do amor, da sabedoria ou da energia e do poder, prosperariam de modo inversamente proporcional ao engajamento no mundo capitalista. No grupo estariam os adeptos contra-culturais da Nova Era, que ansiariam pelo retorno ao *natural* e o desapego dos valores materiais, em favor da busca da unidade, da centelha divina e da espiritualidade pura.

A segunda grande vertente está mais centrada e relacionada a fins consumistas e utilitaristas, fazendo deste bloco o foco de nosso interesse, pois poderíamos em parte, entender o culto à Iemanjá. Neste segmento o discurso é caracterizado pela linguagem da iniciativa individualista e explora os poderes do *eu* como um fim para atingir o sucesso, seja material ou espiritual. Esta abordagem, formulada por um número considerável e crescente de organizações da ala de prosperidade da Nova Era enfatiza que o melhor dos dois mundos, material e espiritual podem ser desfrutados. No intuito de alcançar seus objetivos utilizam até do ferramental psicológico para fazer aflorar as potencialidades individuais. A diferença fundamental deste, para o primeiro grupo considerado mais *naturalista*, é que os novaeristas desta seção estão intimamente ligados à dinâmica utilitária da modernidade capitalista.

Apesar da Nova Era ter sua religiosidade inspirada na pré-modernidade, seu discurso, ainda que não na prática, é bastante destradicionalizado, ou seja, sua tradicional voz *exterior* perde sua autoridade. Segundo Heelas:

*Destradicionalização é o processo por meio do qual tais vozes deixam de ser ouvidas. Elas são substituídas pela autoridade do indivíduo utilitário. A Nova Era é destradicionalizada na medida em que transcende as vozes do passado, bem como as vozes da ordem estabelecida da sociedade e da*

<sup>7</sup> Idem, p. 23-24.

*cultura contemporânea. Os ditames de todos os outros superiores do Eu, que colaboram na construção do ego, devem ser rejeitados em favor da autoridade que vem do Eu.*<sup>7</sup>

Sendo assim, as doutrinas, dogmas e moralidades codificadas da religiosidade tradicional perdem o valor e a fé religiosa é concebida como algo inteiramente humano, que não depende mais da existência de um Deus. Trata-se de uma posição pós-tradicional, na medida em que a sabedoria humana, por si só, serve de base para a criação da espiritualidade. O autor acrescenta ainda:

*Em suma, alguns temas básicos da Nova Era — a rejeição do que há de exterior nas crenças (que se limitam a alimentar o ego) em favor de um expressivismo ligado às fontes espirituais — implicam que as doutrinas religiosas tradicionais são necessariamente encaradas de modo negativo.*<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Idem, p. 24.

Num grau significativo, o discurso novaerista é pós-tradicional e boa parte dele é contrário à modernidade, portanto, pós-moderno.<sup>9</sup> Porém, mesmo cercando-nos do conceito da religiosidade do *eu*, encontramos na sua essência, os antiqüíssimos ensinamentos Upanishads<sup>10</sup> e elementos culturais extraídos das diferentes tradições orientais e indígenas na composição do seu discurso. Portanto, sendo estes ensinamentos milenares ou modernos, uma articulação e uma releitura é feita na sua utilização pela Nova Era.

<sup>9</sup> Idem, p. 25.

<sup>10</sup> Para aprofundar o conhecimento do que vem a ser as tradições orientais, sugerimos a leitura da dissertação de Miriam Morata MORAES, *Relação Átman-Brahman eixo estrutural dos Upanishad*. PUC-SP, 1999.

Podemos concluir que, a forma, mais do que o sentido em que é focada a religiosidade e a filosofia deste movimento, é pós-moderno, pois repete uma atitude de consumo análoga à sociedade de consumo, sendo incorporado ao cotidiano como um recurso cultural e prático. Isto quer dizer que, mesmo que não nos consideremos adeptos deste movimento, por vezes, podemos utilizá-los para fins decorativos, recreativos, medicinais e organizacionais. E, sem que nos apercebamos, podemos terminar por implantar em nosso cotidiano certas características da Nova Era com incrível naturalidade.

Neste sentido, podemos entender que o culto à Iemanjá sofra um certo contágio deste movimento, visto que, os não-adeptos das religiões afro-brasileiras fazem suas orações e homenagens de maneira bastante individualizada, às vezes recreativas, outras utilitárias, sem a preocupação de seguir uma ritualística específica. É importante lembrar também que Iemanjá é um orixá representante da deusa-natureza e que carrega em si este duplo aspecto. Ela apresenta a realidade terrestre e as profundidades abissais dos mares. Em nenhum conto, mito ou lenda é dito que ela tenha vindo do céu, mas a sua aparição se dá sempre das águas profundas.

Segundo Prandi,<sup>11</sup> o culto aos orixás femininos se completa com Iemanjá. Ela é uma das mães primordiais e está presente em muitos mitos que falam da criação do mundo. Portanto, um dos pilares da Nova Era também contempla a relação com a natureza, com o feminino e com a deusa. Assim, sem dúvida, Iemanjá e o seu ritual podem ser interpretados como parte deste contexto.

*Esse movimento de re-encantamento do mundo, que se observa nas novas formas de crer, ao mesmo tempo que questiona as religiões transcendentais, que se fundam sobre a dualidade e a disjunção entre as ordens da natureza e do sobrenatural, também resgata elementos das tradições religiosas fundadas sobre a sacralização do mundo e da natureza. Não se trata, no entanto, da volta a um sagrado fundante do social, mas de uma recriação de um mundo que, embora autônomo em sua base estrutural, está habitado por deuses, forças, energias, mistérios, magias.*<sup>12</sup>

Porém, aqui esbarramos numa questão que é fundamental na Nova Era. Já não expusemos anteriormente que este é um movimento destradicionalizado? Ou seja, o indivíduo deveria buscar uma autoridade interna e deixar de ouvir as *vozes exteriores*, pois a fé religiosa seria concebida como algo inteiramente humano, sem a necessidade de doutrinas, dogmas e moralidades codificadas da religiosidade institucional ou de origem divina? Então, como justificar este aspecto do culto à Iemanjá? Ela não seria um símbolo desta voz exterior, não levada em conta pela Nova Era?

Acreditamos, salvo melhor juízo, que a ritualização a esta entidade atende mais uma questão da religiosidade da pós-modernidade, com uma chave de leitura que perpassa pela religiosidade e o catolicismo popular, do que um fenômeno da Nova Era. Na verdade, em comum, ambos carregam no seu bojo, as marcas das crises das instituições produtoras de sentido, que se afastam dos modelos institucionais religiosos e da submissão hierárquica, criando uma religião utilitária, prática e individualista, própria do mundo capitalista urbano e contemporâneo.

Outra dimensão que atravessa estes dois universos é a importância da emoção, valorizada nesta religiosidade pós-moderna e que se encontra, tanto nas práticas do catolicismo popular, quanto nas experiências religiosas que emergem no final de milênio. Isto seria como que um dos sinônimos da modernidade religiosa, contrapondo-se ao crivo da racionalidade e da ortodoxia catequética que privilegiam o entendimento e a interpretação das Sagradas Escrituras.<sup>13</sup>

A respeito da racionalidade e da irracionalidade na religião, Rudolf Otto<sup>14</sup> faz considerações significativas ao afirmar que toda a concepção teísta principalmente a idéia cristã de Deus, tem como caráter essencial compreender a divindade

<sup>11</sup> Cf. E. PRANDI, *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Cia das Letras, 2001.

<sup>12</sup> Cf. C. A. STEIL, *Catolicismo popular tradicional e ação pastoral: desafios e perspectivas no contexto da cultura contemporânea*. *TEOCOMUNICAÇÃO*, 34 (1998), p.100.

<sup>13</sup> *Idem*, pp. 97-102.

<sup>14</sup> Cf. R. OTTO, *O Sagrado*. Lisboa, Edições 70, 1992, pp. 9-15.

como espírito, razão, boa vontade, onipotência, unidade de essência e consciência de si. Todos estes predicados são considerados como absolutos e perfeitos quando aplicados ao divino. É um entendimento racional, pois são concepções claras e precisas, acessíveis ao pensamento, à análise e a uma definição do que é Deus.

A fé, por sua vez, precisa destas noções claras, pois elas dão sustentação às convicções no ser humano, em oposição ao puro sentimento. Porém, contrapõe Otto, não podemos esgotar a essência da divindade apenas com predicados racionais. A experiência religiosa se faz presente quando captamos ou sentimos o transcendente, e a partir desta vivência, ocorre uma transformação no indivíduo. Ou seja, apesar do entendimento racional ser importante para a compreensão de um objeto, ele é sintético e reducionista no momento de percebê-lo. Podemos correr o risco de matar a percepção da experiência religiosa, tornando a idéia de Deus exclusivamente racional se buscarmos o entendimento apenas pela razão. Otto conclui que a verdadeira compreensão do que vem a ser o Sagrado necessita o acréscimo de um outro termo, o sentimento.

Exemplos de manifestação deste sentimento aparecem fartamente em todas as questões abertas, mas principalmente, na décima sétima pergunta, tanto para os homens e quanto para as mulheres, de todas as faixas etárias e condições sócio-econômicas.

**Quadro de respostas à 17ª questão:  
*Que sentimento o senhor(a) tem quanto cultua ou  
homenageia Iemanjá?***

RESPOSTAS	DIAS 5 A 7 FEM	DIAS 5 A 7 MASC	DIA 31 FEM	DIA 31 MASC	TOTAL
Amor	9	8	3	3	23
Paz	7	4	7	1	19
Respeito	2	4	2	4	12
Alegria	7	3	1		11
Fé	2	3	4		9
Alívio/leveza/leve	4	1	3		8
Tranquilidade	2	4	2		8
Gratidão/de agradecimento	4	1		3	8
Conforto/consolo/esperança/muito bom/bem-estar (muito gostoso, alma leve, limpa, sinto-me leve, sentimento bom, estado de graça, estado ótimo, ótimo e aberto)	2	4	1	1	8

RESPOSTAS	DIAS 5 A 7 FEM	DIAS 5 A 7 MASC	DIA 31 FEM	DIA 31 MASC	TOTAL
Admiração	2	1	2	2	7
Proteção	3		1	1	5
Força/Fortalecido/energia		1	2	1	4
Emoção/Ficar emocionada ou emotiva	4				4
Vontade de chorar	4				4
Gostar/adorar	2			1	3
Serenidade	1		1		2
Calma	1		1		2
Obediência				2	2
Sentimento puro			2		2
Sentimento bonito			1		1
Ternura			1		1
Decepção (não foi atendida)	1				1
Sentimento positivo			1		1
Medo (no sentido de não respeitar seus domínios)		1			1

O sentimento é fundamental na religiosidade da pós-modernidade e vem contra-balancear com a racionalidade institucionalizada. Porém, há duas formas de tratar esta nova concepção. Enquanto a Nova Era busca uma religiosidade intrínseca<sup>15</sup> do *eu*, sem dogmas ou moralidades codificadas da religiosidade institucionalizada, a religiosidade popular, que seria extrínseca,<sup>16</sup> traz em seu bojo os cultos e os rituais aos santos e a conversão exógena por imitação, contágio e sugestão. Lembremos, como dissemos no início deste artigo, que a festa à Iemanjá, principalmente, na época do *Reveillon*, é uma festa alegre, contagiante, promovida e incentivada pela mídia em geral e pelas prefeituras, onde o espaço sagrado e profano são compartilhados sem distinção de credos ou classe social. Portanto, homenagear Iemanjá não é necessariamente *sacrificante*, ao contrário, pode ser muito prazeroso, o que torna a conversão exógena uma variante muito provável.

No entanto, é necessário estabelecermos um consenso entre as diversas terminologias. Estamos compreendendo catolicismo popular tradicional do mesmo modo como, Steil descreve: *compreendemos como catolicismo popular tradicional<sup>17</sup> um conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas e partilhadas por um número significativo de católicos, que mantêm uma independência relativa da hierarquia eclesiás-*

<sup>15</sup> Edênio VALLE estabelece a diferença entre religiosidade intrínseca e extrínseca. Resumidamente, as características da religiosidade intrínseca seriam o forte compromisso pessoal, universalista, ético e amor ao próximo. Seria altruísta, humanitária e não-egocêntrica, onde a fé possuiria importância central, aceita sem reserva e o credo seguido inteiramente. Aberta à experiência religiosa intensa, vê positivamente a morte e possui sentimentos de poder e capacidade próprios. Cf. E. VALLE, *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo, Loyola, 1998, p. 270.

<sup>16</sup> Do mesmo autor e livro acima citado, entende-se como características da religiosidade extrínseca a religião de conveniência, surgida em momentos de crise e necessidade. Etnocêntrica, exclusivista, fechada grupalmente, sua fé e crenças são superficiais e sofrem uma seleção subjetiva. Utilitária, sem visar outras finalidades, está a serviço de outras necessidades pessoais e sociais. Deus é visto como duro e punitivo e a visão da morte é negativa. Ao contrário da religiosidade intrínseca onde o sujeito tem sentimentos de poder e capacidade própria, aqui, o sentimento é de impotência e de controle externo. Cf. E. VALLE, *Psicologia e experiência religiosa*. op., cit., p. 270.

<sup>17</sup> O sentido da palavra *tradicional* utilizado por Steil não é exatamente o mesmo do empregado por Heelas. Para Steil *catolicismo popular tradicional* está em oposição à hierarquia eclesiástica e institucionalizada. Heelas, no entanto, entende como *fé religiosa tradicional* como aquela que é codificada pela doutrina, dogma e moralidade religiosa teísta em oposição a uma sabedoria humana, que por si só, serviria de base para a criação da espiritualidade.

*tica e dos quadros intelectuais a ela ligados. De um ponto de vista subjetivo, podemos entendê-lo como uma maneira religiosa peculiar de um grupo ou um indivíduo viver sua fé. Num sentido objetivo, trata-se de um sistema religioso centrado no culto aos santos, compreendido dentro de uma lógica contratual de relações inter-pessoais, e mantido por um corpo difuso de agentes religiosos leigos.*<sup>18</sup>

Segundo Costa Brito, a antropologia cultural há muito nos levou a abandonar a perspectiva que considerava a cultura brasileira unitária e coesa.

*Hoje, é consenso que não existe uma cultura brasileira capaz de englobar todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro e que a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um efeito de sentido, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço (...) O termo popular muito difundido entre cientistas sociais, nasceu da oposição entre a Igreja do povo e o clero. Num movimento natural, estendeu-se à cultura produzida e elaborada pelo povo em oposição à cultura erudita; nesse caso de cunho clerical. Esse termo nos diz ser também esta cultura, acima de tudo grupal, supra-individual.*<sup>19</sup>

Entendendo que esta é uma maneira peculiar de um indivíduo viver sua fé, podemos *justificar* então o sincretismo e a constante *bricolagem* que se faz dentro do catolicismo popular, e serve para suprir as mais diversas finalidades, inclusive algumas necessidades imediatas. Apesar de fragmentada, assistemática e em constante transformação, este tipo de religiosidade possui um *logos* e uma coerência própria. Porque a ambigüidade existente neste movimento não é só fator de reprodução social, mas também de resistência que preserva um mínimo de consciência popular, assim como a fragmentariedade impede a homogeneização completa das camadas sociais, abrindo a possibilidade de um espaço de autonomia.<sup>20</sup>

Ao trazermos tais perspectivas ao nosso objeto de estudo e observamos que a devoção à Deusa dos Mares sofreu modificações ao longo do tempo, justamente por estar inserida neste contexto sincrético e popular. Iemanjá alcançou tamanha projeção que chegou a modificar a sua própria imagem. Coberta com um vestido ou manto azul, linda e de cabelos compridos, ela sai do mar, cheia de luz representando uma figura extremamente erotizada. Estereotipada para os não-adeptos das religiões afro-brasileiras, como uma grande mãe, mas também como uma mulher jovem, branca, forte e poderosa, ela se parece mais como uma santa do catolicismo do que com um orixá

<sup>18</sup> Cf. C. A. STEIL, *Catolicismo popular tradicional e ação pastoral*, op.cit., p. 87.

<sup>19</sup> Cf. Ê. J. COSTA BRITO, *A Cultura Popular e o sagrado*. In QUEIROZ, J. J. (Ed.), *Interfaces do Sagrado: em vésperas do milênio*. São Paulo, Olho d'Água, 1996, p.102.

<sup>20</sup> Idem, p. 104-105.

africano. Seu branqueamento e gradual similaridade com as santas do catolicismo ilustram sua passagem do panteão africano para a umbanda e sua posterior inserção ao catolicismo popular. Porém, é uma *santa* que carrega em seu bojo, algumas características próprias e peculiares a um orixá, cuja formação ancestral e arquetípica sintetiza as polaridades luminosa e sombria.

Nas trezentos e setenta e cinco questões abertas coletadas em nossa pesquisa de campo, temos inúmeros exemplos desta *bricolagem* que os fiéis e os simpatizantes de Iemanjá fazem de sua imagem, como pequenas histórias que tivemos oportunidades de registrar, principalmente entre os dias 5 à 7 de dezembro, quando pudemos colher outras informações complementares a nossa pesquisa.

Dois exemplos ricos e importantes deste sincretismo encontramos nos testemunhos abaixo. O primeiro refere-se ao depoimento de um senhor, católico e contador aposentado. Ao lhe perguntarmos o significado do seu gesto em colocar uma estátua de Nossa Senhora Aparecida aos pés de Iemanjá, ele relatou:

*A estátua simboliza minha gratidão. Por intermédio de Nossa Senhora Aparecida, Iemanjá salvou o meu netinho. Meu filho veio me visitar... sabe como é... tomamos umas cervejas, jogamos conversa fora e a gente acabou se distraindo. De repente cadê o menino? Procuramos e nada, ele tinha andado na praia e entrado na água mais na frente. Estava meio fundo para ele. Antes de encontrar o meu neto pedi a Nossa Senhora Aparecida para ajudar e escutei uma voz dizendo para pedir a Iemanjá. Pedi ajuda e um homem que estava na água chegou perto do Betinho e puxou para mais perto da areia. Ele não estava se afogando, mas estava indo muito para o fundo... Agora me diga minha filha, não foi Iemanjá? Nossa Senhora Aparecida, minha Santa, falou para eu pedir para ela. E porque o senhor trouxe uma estatua de Nossa Senhora Aparecida para Iemanjá? Porque as duas são mães, protetoras e acho que são amigas... ajudam os seus filhos, só que Iemanjá é a Santa absoluta do mar.<sup>21</sup>*

Esta segunda narrativa foi dada por uma mulher, com mais de 60 anos, viúva, católica fervorosa e que foi casada com um pai-de-santo:

*Flores significam saúde, satisfação às graças alcançadas. As pétalas das flores são os bens alcançados e também homenagem ao marido. Qual homenagem a senhora faz? Bem minha mãe era católica daquelas praticantes e rígidas. Mas eu desde pequenininha sempre tive interesse pela Umbanda porque tinha um centro perto de casa. Às vezes eu pulava a janela da casa e ia ver o que acontecia lá e achava tudo*

<sup>21</sup> Resposta obtida na pergunta número 08, questionário número 15, masculino, referentes aos dias 5 à 7 de dezembro, que indagava: *O que esse(s) objetos(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*

*muito bonito e interessante. Teve um dia que eu fui e minha mãe ficou sabendo, o resultado foi uma cena daquelas, apesar da mamãe ser boa e carinhosa. Depois eu casei com um homem que era pai-de-santo. Ele tinha o terreiro dele, mas eu não praticava, continuava como continuo, sendo católica até hoje. Mas, a gente convivia muito bem assim até o dia que ele morreu. Vivíamos em harmonia. Ele me respeitava e eu a ele. Assim, quando sinto saudades dele, venho até aqui e nos pés de Iemanjá trago flores porque sei que ele gostaria que fosse assim. E depois, ela é a Nossa Senhora de Conceição de quem gosto muito. Acredito que tanto Iemanjá quando Nossa senhora da Conceição sejam as mesmas santinhas. Elas são muito poderosas e fazem a vida da gente ficar melhor. Um exemplo: eu estava angustiada porque não tinha conseguido pagar os três últimos meses do imposto da prefeitura. Sabia que o prefeito vai mandar um aviso, aquelas coisas ruins me ameaçando... Vim ao mar, com a imagem de Nossa Senhora na mão. Rezei pelas duas. Dois dias depois o meu filho que mora em Minas me ligou dizendo que estava pondo um dinheirinho na sua conta para pagar os impostos e mais R\$ 500,00 para passar o Natal. Quando eu chegar aí quero ver a senhora contente, ele disse. Mas eu não tinha falado nada para ele... Como é que pode? Só pode ser a Nossa Senhora da Conceição e Iemanjá.*

Claramente podemos notar a *bricolagem* da fé nestes depoimentos. Iemanjá dos depoentes é uma Santa, a Santa absoluta do mar, amiga de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora da Conceição e como elas compartilha a fé, o poder de proteção de seus filhos e a admiração de seus fiéis, sem que haja nenhuma espécie de conflito religioso ou existencial. Resgatando alguns dados macro-estatísticos da pesquisa, observamos que: dos setenta e cinco questionários levantados, 93,33% são católicos, 62,67% não vêm objeções ou conflitos com suas religiões professadas por cultuar Iemanjá e 90,67% acreditam nos mais diferentes santos do catolicismo, chegando até a Alan Kardec, Buda e espíritos indígenas.<sup>22</sup>

Observamos também, que o mesmo amalgama de credos se repete, quanto ao tipo de homenagem se faz a Iemanjá. Por exemplo, as velas (30,87%), as flores (30,20%) e as orações (26,19%) são as oferendas mais comuns, repetindo assim, as mesmas homenagens que os devotos fazem as santas do catolicismo.

Vejamos alguns exemplos:

— *Vela simboliza a luz. Oração é um meio de chegar perto dela, de Nossa Senhora Aparecida e Santa Rita de Cássia.*<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Um dado interessante é que não foi constatada nas entrevistas, a existência de nenhum budista ou adepto das religiões indígenas.

<sup>23</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, feminina, acima dos 60 anos, costureira, questionário 15, pergunta de número 08: *O que esse(s) objeto(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*.

- *Oração simboliza minha fé e um pedido para alcançar graça. Vela serve para iluminar. Tenho o mesmo costume desde criança para o meu anjo. É um costume do católico acender vela é um tipo de luz para o santo.*<sup>24</sup>
- *Oração simboliza um cumprimento. Faço o sinal da cruz, rezo uma Ave Maria e um Pai Nosso e peço proteção. Vela simboliza uma oferenda espontânea sem pedir nada em troca.*<sup>25</sup>
- *Oração simboliza fé, respeito e submissão no bom sentido. Como assim no bom sentido? Devemos louvar Deus, Jesus e os Santos. É normal acender vela para católico. Representa Luz e paz.*<sup>26</sup>
- *Vela significa luz, é um jeito de alcançar as coisa e iluminar mais o caminho. Oração é um cumprimento para alcançar a Santa.*<sup>27</sup>
- *Oração significa proteção e permissão. Sou surfista, rezo porque entro no mar e não quero que ela fique brava porque estou nos seus domínios. Flor é um agradecimento, para agradecer a Santa.*<sup>28</sup>

Quando apresentamos as perguntas do questionário da pesquisa de campo deste estudo um grande número de devotos referia a Iemanjá como santa. Sinônimos como rainha, deusa, senhora dos mares e mesmo a palavra mulher eram também freqüentes e muito mais significativas do que o nome orixá. Exemplos claros desta afirmação encontram-se nas questões abertas 18 e 19 que investigam a representatividade emocional e física, respectivamente, de Iemanjá, segundo o *olhar* de seus devotos ou admiradores.

A título de ilustração, separamos apenas a respostas que contêm em várias denominações dadas a Iemanjá. Como poderemos notar, a palavra orixá não foi citada nas questões abaixo.

### Respostas à 18ª questão: O que Iemanjá representa para o senhor(a)?

RESPOSTAS	DIAS 5 A 7 FEM	DIAS 5 A 7 MASC	DIA 31 FEM	DIA 31 MASC	TOTAL
Mãe	8	6	2	2	18
Santa (sincretização)	7	5	2	2	16
Deusa/divindade/dona/rainha do mar	3	2	1	1	7
Ela é uma Deusa bonita		1	2		3
Companheira	1				1
Entidade conselheira espiritual	1				1
Guia			1		1

<sup>24</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, feminina, na faixa dos 50 anos, metalúrgica aposentada, questionário 16, pergunta de número 08: *O que esse(s) objeto(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*

<sup>25</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, feminina, acima dos 60 anos, contadora aposentada, questionário 17, pergunta de número 08: *O que esse(s) objeto(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*

<sup>26</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, feminina, na faixa dos 50 anos, auxiliar de enfermagem aposentada, questionário 22, pergunta de número 08: *O que esse(s) objeto(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*

<sup>27</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, masculino, na faixa dos 40 anos, funileiro, questionário 02, pergunta de número 08: *O que esse(s) objeto(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*

<sup>28</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, masculino, na faixa dos 20 anos, estudante, questionário 14, pergunta de número 08: *O que esse(s) objeto(s) ou oração significa(m) ou simboliza(m) para a senhor(a)?*

**Respostas à 19ª questão:**  
**Como o senhor (a) descreveria Iemanjá?**

RESPOSTAS	DIAS 5 A 7 FEM	DIAS 5 A 7 MASC	DIA 31 FEM	DIA 31 MASC	TOTAL
<b>Qualidades de Iemanjá</b>					
Santa, Rainha, Dona, Deusa, Senhora (dos Mares)	10	3			13
Santa (sincretismo)	5	2	4	1	12
Mãe boa	2	3	3	1	9
Mulher realizadora	1				1
Uma mulher		1			1
Delícia de pessoa		1			1
<b>Qualidades físicas de Iemanjá</b>					
Bonita/muito bonita/linda/muito bela	10	10	12	5	37
Moça/jovem	6	2	8	2	18
Sereia, mulher peixe		4		1	5

Estes dados estatísticos vêm ao encontro das afirmações de Stein que diz existirem *aqueles que se consideram católicos, sem que isso os vincule a quaisquer compromissos explícitos de ordem religioso-institucional. Neste mesmo sentido, os vínculos também se diversificam dentro de um espectro de gradações, que vai das formas mais coletivas até às formas individualistas ou sectárias.*<sup>29</sup>

Sendo assim, podemos pensar no orixá Iemanjá, também como uma santa do catolicismo popular tradicional pois, *ao fragmentar o campo religioso, a modernidade não apenas abre espaço para as novas formas de crer, mas também acaba resgatando elementos das tradições religiosas e míticas que resistiram, à margem da ideologia da racionalidade científico-positivista dominante.*<sup>30</sup>

Há ainda quem acredite que Iemanjá, mais do que um orixá ou uma santa, é quase uma religião. Unterste chega a afirmar que: *Iemanjá é expressão de um mito vivo, cultuada não apenas pela população negra, mas também por um largo círculo da população branca. Iemanjismo é hoje uma religião.*<sup>31</sup>(...) *Não admite templos nem rituais. Prescinde de líderes e é praticado individualmente de acordo com os sentimentos de cada crente.*<sup>32</sup>

No nosso entender, mesmo sendo exageradas as palavras de Unterste podemos compreender o fenômeno *Iemanjismo* como sendo uma forte expressão da religiosidade pós-moder-

<sup>29</sup> Cf. C. A. STEIL, *Catolicismo Tradicional e ação pastoral*, op. cit., p. 90.

<sup>30</sup> Idem, p. 88.

<sup>31</sup> Não acreditamos que o *Iemanjismo*, termo utilizado por Unterste, seja uma religião. Pensamos ser esta uma afirmação um tanto exagerada. Mas, estamos partindo do pressuposto que o culto a Iemanjá é um fenômeno crescente dentro da religiosidade brasileira.

<sup>32</sup> Cf. UNTERSTE, *Der Mythos der Iemanjá*. Apud IWASHITA, P. *Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo*. São Paulo, Paulinas, 1991, p.35.

na. Quem a cultua acredita em seu poder de ajuda rápida na solução dos problemas do cotidiano e na sua capacidade de acolhimento para o sofrimento. A pesquisa de campo aponta que os pedidos à Senhora dos Mares mais freqüentes são: paz e tranqüilidade (18,40%), saúde (18,00%), proteção, cura e ajuda à família (14,80%), trabalho (14,00%) e dinheiro, prosperidade e amor (8,80 %). Destes pedidos, 48% disseram que seus apelos foram atendidos logo, 26,67% algumas vezes atendidos prontamente, outras a longo prazo, contra apenas 6,67% que disseram ter suas solicitações atendidas a longo prazo.

Sincretizada com as Nossas Senhoras dos Navegantes (BA), Candeias (RS), Conceição (SP e RJ), muitos daqueles que cultuam Iemanjá também são fiéis de Nossa Senhora Aparecida, da Virgem Maria, mãe de Jesus. Porém, é interessante observarmos que muitos dos devotos de Iemanjá, também cultuam e acreditam nos santos das aflições ou das causas impossíveis. São Judas Tadeu é invocado como santo dos desesperados e aflitos, das causas sem solução ou perdas aparece quinze vezes na pesquisa. Santo Expedido que ajuda pessoas com problemas urgentes e de difícil solução é citado nove vezes. Santa Rita de Cássia popular no mundo inteiro por ser padroeira, junto com São Judas Tadeu, dos casos impossíveis aparece seis vezes, para ilustrar apenas alguns dos 36 santos citados na pesquisa.

O resultado indica que Iemanjá também corresponde ao apelo da pós-modernidade, onde a religiosidade é centrada no indivíduo e no seu cotidiano, muitas vezes, utilitarista e prática. Seja no papel de uma das mães primordiais do panteão africano, ou ainda, como santa católica, ela é capaz de abraçar e atender seus filhos nos momentos aflitivos, proporcionando-lhe a cura, o conforto e a esperança esperados para o aqui e agora.

Dentre as respostas obtidas em nossas questões abertas, selecionamos uma história relatada por uma avó, católica, comerciantes de velas e que atribui a cura de uma doença desconhecida que o seu neto sofria à Iemanjá.

*No fundo eu agradeço, não faço pedido. Acontecendo ou não eu agradeço. Hoje vim pedir uma proteção porque vou operar quarta-feira minha vista esquerda. Mas posso contar uma história? Tenho um neto de 8 anos que teve problema de hérnia com um mês. Depois problema de vista. Agora pouco tempo, dois anos atrás um problema na barriga. Meu filho levou no médico, porque graças a Deus tem boa situação financeira. Tudo que você pode imaginar foi feito, exames diversos. Via um caroço, mas não era câncer. Fez ressonância e não dava em nada. Abriu um tumor do outro lado da barriga e doía. Depois outro perto do umbigo e não sabiam mais o que fazer. Minha nora é descrente de tudo, mas meu*

*filho foi procurar uma benzedeira. Depois foi a duas federações. Uma pedia de um lado, a outra do outro. Devido o problema do tumor meu filho não deixava o meu neto entrar nem na piscina, nem no mar, meu neto numa época tinha até dreno no tumor. Mas um dia eles vieram passar férias na colônia de férias da polícia militar e o meu neto pediu para ir para a areia. Com dó meu filho deixou e o meu neto começou a brincar na água, tomou banho de mar e acabou sarando sem saber como, nem o porquê. Eu acho que é graças a Iemanjá... a água do mar curou. E a cura foi rápida? Minha filha, foi muito rápida, um milagre mesmo...*<sup>33</sup>

Mais uma vez, respaldamo-nos nas palavras de Steil, que corrobora estes dados por nós levantados quando diz:

*Muitas das práticas do catolicismo popular tradicional estão efetivamente relacionadas com questões terapêuticas e que se configuram, em alguma medida, como parte de um sistema de cura. Um sistema, que pode abranger, desde rituais massivos com grande ocorrência de fiéis, como os santuários, até procedimentos mais restritos e individualizados, realizados no espaço doméstico por benzedores e benzedoras populares.*<sup>34</sup>

Portanto, partindo desta afirmação, quem cultua Iemanjá de fato está procurando uma ajuda exterior ou projetando nela um poder que a pessoa julga não ter, mas que a entidade possuiria. Pois, ela garantiria vitória sobre os espíritos malignos, a posse da felicidade nesta vida, tendo como super-acrécimo o bem-estar na vida após a morte. Não querendo nos aprofundar num argumento da psicologia analítica neste momento, mas utilizando-nos dele como exemplificação, Iemanjá é um símbolo de conexão, ou melhor, de função transcendente para aqueles que a cultuam, pois *fundada em dados reais e imaginários ou racionais e irracionais, lança uma ponte sobre a brecha existente entre o consciente e o inconsciente.*<sup>35</sup> É esta experiência mística vivenciada pelos devotos ou admiradores de Iemanjá que faz dela um ícone religioso da pós-modernidade. O que sustenta a religião ou religiosidade de um povo é a experiência mística.

Retomamos aqui, os estudos de Paleari,<sup>36</sup> os quais abordam a umbanda e sua vinculação com o catolicismo popular. Ele afirma que a base do poder simbólico da crença umbandista se alimenta e estrutura no catolicismo popular, pois a umbanda que seduz os fiéis católicos é aquela que pertence a Cristo. O catolicismo popular por sua vez, próximo desta vertente umbandista impregnada dos valores cristãos se beneficia da maior acessibilidade dos fiéis aos líderes religiosos, mas principalmente, da maior eficácia e rapidez na solução dos problemas, que os fiéis acreditam ter. Por isso, não há conflito ideológico e

<sup>33</sup> Reposta obtida entre os dias 5 à 7 dezembro, feminino, na faixa acima dos 60 anos, comerciante de velas, questionário 02, pergunta de número 12: *Porque o senhor(a) faz pedidos ou homenagens à Iemanjá?*

<sup>34</sup> Cf. C. A. STEIL, *Catolicismo popular tradicional e ação pastoral*, op. cit., p. 101.

<sup>35</sup> Cf. C. G. JUNG, *A psicologia do inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 72.

<sup>36</sup> Cf. G. PALEARI, *Umbanda: aspectos da identidade e do campo religiosos, a partir do discurso do produtor especializado e sua vinculação com o catolicismo popular*. Tese de Mestrado em Ciências da Religião, PUC/SP, 1984, pp. 229-247.

qualquer possível ambigüidade acaba se tornando complementaridade de fé. Os católicos ao acreditarem que a sua religião não se opõe à crença em Iemanjá, legitima qualquer ato mágico de ajuda praticado a ela. Lembremos que o umbanda sincretizada com o catolicismo popular é cheio de mediadores, devotos, benzedeiras, sacerdotes e santos. E que, tantos os santos quanto os orixás são entidades intermediárias entre o sagrado e o profano.

Segundo Costa Brito:

*O fenômeno místico não tem pátria, nem religião, estando presente em todas as culturas, inclusive popular. Difícil é reconhecê-lo (...) a análise da experiência do sagrado a nível popular pede a ruptura de um círculo viciosos que apropriou e domesticou o sagrado. Apropriação intimista, burocrática, elitista e machista.*<sup>37</sup>

Do ponto de vista do catolicismo popular, o culto aos santos, no caso, a devoção à Iemanjá significa uma esperança à vida, em contrapartida a um Deus cruel. Como intermediadora entre o Deus supremo e os humanos ela representa a possibilidade do *sim* a vida. Isso nos aponta uma demanda da religiosidade atual, que busca no sagrado a fonte de sua saúde, equilíbrio psíquico e bem-estar pessoal, centrado no *aqui e agora* e não mais numa recompensa para o sacrifício após a morte. Estas são características do final de milênio e da dinâmica de privatização da religião na pós-modernidade.

Ainda, segundo Steil:

*O catolicismo popular tradicional tem sido caracterizado pelo peso atribuído por seus devotos aos rituais, em oposição a formas religiosas que privilegiam o compromisso ético e o conhecimento teológico e bíblico. (...) O esforço por construir um culto adequado aos parâmetros estabelecidos pela cultura racionalista dominante levou esses agentes a desvalorizar os rituais como um elemento significativo da experiência religiosa. Na contramão dessa tendência, o catolicismo popular tradicional não apenas manteve os seus rituais tradicionais, mas inventou outros, para conferir sentido à ação humana.*<sup>38</sup>

A modernidade abriu a possibilidade para múltiplas escolhas e pertencimentos religiosos e no caso do catolicismo popular, o sincretismo ou a bricolagem religiosa parece não se constituir num drama de consciência para os seus devotos, que utilizam um universo de representação simbólica, proveniente de diferentes sistemas religiosos com configurações pessoais, capazes de garantir uma maior proteção para aqueles que buscam uma resposta a suas aflições. A vitalidade das formas intermediárias atesta a funcionalidade de aspectos ritualísticos e mágicos que influenciam parte considerável do *continuum* religio-

<sup>37</sup> Cf. Ê. J. COSTA BRITO, A Cultura Popular e o sagrado, op. cit., p. 109.

<sup>38</sup> Cf. C. A. STEIL, Catolicismo popular tradicional e ação pastoral, op. cit., p.100.

<sup>39</sup> Cf. C. P. FERREIRA DE CAMARGO, *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo, Pioneira, 1961, p. 15.

<sup>40</sup> Idem, p.92.

<sup>41</sup> Cf. C. R. BRANDÃO, *A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido*, Comunicação apresentada no 1º Seminário sobre Misticismo e Novas Religiões, PUC/SP, 1991, p. 25-41.

<sup>42</sup> Cf. J. J. CARVALHO, O encontro de velhas e novas religiões: Esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In MOREIRA, A. — ZICMAN, R. (Eds.), *Misticismo e Novas Religiões*, Petrópolis, Vozes, 1994, pp. 7-82.

so,<sup>39</sup> característico da fase transitória da religiosidade, fundada no urbanismo e no capitalismo.<sup>40</sup> Contribuindo com esta idéia, Brandão<sup>41</sup> afirma que nos tempos atuais o indivíduo passou a ser o construtor de sua religiosidade e vincula-se a uma instituição apenas de maneira formal. No entanto, esta vinculação formal é importante porque segundo Carvalho,<sup>42</sup> estar inserido num determinado grupo lhe dá a sensação de pertença, de contemporaneidade e o faz, ao mesmo tempo, estar vinculado aos centros produtores de sentido, sem estar repetindo ou reproduzindo o tradicional. Ao contrário, o pós-moderno apropria-se de elementos tradicionais da religião e os re-interpreta a partir de uma visão secular do campo religioso, onde a idéia de consumo ou de mercado é predominante.

Podemos entender, portanto, que o ritual à Iemanjá, entre aqueles que não pertencem às religiões afro-brasileiras é um exemplo de religiosidade atual, atrelada ao catolicismo popular. Não concordamos com a colocação de Unterste que o *Iemanjismo* seja uma religião em crescimento. Iemanjá, sincretizada com as santas do catolicismo é uma forma de religiosidade popular católica em expansão, o que vem coroar o sentido do religioso na contemporaneidade, pois atende à nova expectativa do indivíduo religioso, que busca um sentido existencial individualista, espiritualista e subjetivo, muitas vezes, consumista, mas também, um sentido maior da existência do que a pura e simples racionalidade do que venha a ser o Sagrado.